

COMBA MARQUES PORTO. A ARTE DE SER OUSADA. UMA HOMENAGEM A CARMEN DA SILVA (1919-1985). 1ª EDIÇÃO. RIO DE JANEIRO: VIEIRA & LENT, 2015.

Miridan Britto Falci

Universidade Federal do Rio de Janeiro

E-mail: bmiridan@yahoo.com.br

Comba Porto, professora, advogada e juíza, pela afinidade de ideias e interesses que tinha com ela, escreveu, em *A Arte de ser ousada*, sobre a vida de Carmen da Silva. Ao assumir a incumbência de elaborar a resenha desse livro, mergulhei em um momento, agora passados 40 anos, quando comprava a revista *Claudia* com a única finalidade de ler as belas páginas de autoria de Carmen, intituladas *A arte de ser mulher*.

Naquelas páginas muito bem escritas, profundas, românticas e, ao mesmo tempo, racionais, Carmen mostrava a dezenas de mulheres como *serem mulheres* em uma época em que as “*desumanidades do machismo e da cultura patriarcal*” (p. 22) isolava-as do pensar e viver como seres humanos e sociais.

Durante muitos anos, entre 1963 e 1985, Carmen foi a jornalista que me encantou pelas reflexões, julgamentos e depoimentos expressos nas suas linhas. Quem não se lembra das suas ponderações sobre a chamada *idade difícil* (artigo de 1963); sobre o *medo de não ser bela* (artigo de 1964); sobre os porquês do *ciúme* (um escrito de 1966); ou ainda sobre as questões da *separação* e da *relação com os filhos após o divórcio* (assuntos tematizados em 1966 e 1967). Na década de 1970, quando já estava com 50 anos, Carmen passou a escrever não mais a respeito do *namoro* e do *amor romântico*, mas sobre o *que é uma mulher livre* (1971) ou *igualdade, justiça e participação* (1972). Ainda nos seus trabalhos dessa década, a exemplo do que fez na matéria sobre a Comissão Parlamentar de Inquérito da Câmara dos Deputados sobre a situação das mulheres, de 1977, ela refletiu sobre como o Brasil estava começando a descobrir o mundo feminino.

Carmen caminhou com as mudanças, absorveu-as, observou as transformações, pensou e refletiu acerca das leis que surgiam sobre a mulher. Seguiu as novas ideias, que nela sempre apareceram em primeiro lugar, e guiou para outra direção as leitoras que viam *a cruz como modelo de vida* (1982) ou se sentiam *desventuradas* por serem ex-casadas (1982). Mostrou o lirismo presente também nos homens diante dos problemas femininos (1984) e escreveu sobre o orgasmo, o aborto, a amamentação e,

certamente, sobre o feminismo.

Morreu aos 66 anos deixando, dentre outras, as obras *Histórias híbridas de uma senhora de respeito*, *Setiembre* e *Sangue sem Dono*, as quais se revestem de caráter biográfico que, segundo Comba, antecipam suas memórias.

Em seus milhares de artigos jornalísticos como psicóloga ou *mulheróloga*, como ela se automeava, Carmen deixou transparecer o *engenho literário* que estimularia todas as suas leitoras.

Ela escreveu em vários jornais, além da sua página mensal na *Claudia*, e participou de eventos patrocinados pela ONU e de encontros feministas. Carmen esteve sempre acompanhada de grupos unidos e pessoas que tinham os mesmos objetivos, tais como Ruth Escobar, Ana Montenegro, Hildete Pereira de Melo, Lélia Gonzalez e Marina Colassanti.

Mas quem era Carmen da Silva?

Carmen nasceu em 1919, na cidade do Rio Grande (RS). Formou-se professora primária, mas não seguiu o ofício. Aos 18 anos começou a trabalhar na companhia de petróleo Ipiranga, onde permaneceu até 1944. Aos 25 anos se despediu da família e seguiu para Montevidéu, pois

O Rio Grande ficava estreito demais, eu sentia apertando-me, estalando em todas as costuras. Um, dois, três, fechei os olhos, tapei o nariz e mergulhei no mundo.

Sabendo inglês, francês, espanhol, italiano e bastante alemão, a Carmencita brasileira, no Uruguai, passou a se assinar Carmen da Silva. Naquele país, trabalhava pela manhã no Comitê pela Defesa Política do Continente e, à tarde, no Escritório de Propaganda e Expansão Cultural do Brasil.

Quatro anos depois, Carmen partiu com o francês René para a Argentina, onde viveu por 13 anos. René abriu-lhe novas e decisivas perspectivas pessoais e intelectuais. Contudo, a convivência entre eles foi corroída pelo fato de ele ser casado. Ainda quando exercia a função de subdiretora da firma que René representava na Argentina, ela começou a escrever trabalhos de diferentes estilos. Foi nesse momento que produziu o seu romance *Setiembre*, com o qual ganhou a faixa de honra da sociedade argentina de escritores.

Carmen, a *gaúcha argentina*, voltou ao Brasil, de uma vez por todas, em 1962. Foi nesse ano que começou a trabalhar na Editora Abril, inaugurando a coluna *A arte de ser mulher*. Casou-se com Mister F (cujo nome não aparece no livro de Comba), de quem se separou após 12 anos, mas sempre dedicando-se ao jornalismo e à ação política em defesa dos direitos e vida das mulheres.

O livro de Comba mostra, além do jornalismo transformador de Carmen, as suas memórias dos anos 1970 e 1980 (período no qual ocorreu o histórico Seminário da ABI), os seus embates no Centro da Mulher Brasileira, a sua luta pela igualdade de direitos e a sua presença na Constituinte.

Das páginas 105 a 186, o livro é uma verdadeira história da trajetória de luta das mulheres na vida política do Brasil. No capítulo *O casamento e sua ideologia avessa a mudanças*, Comba relata o papel das feministas na política e as dificuldades de diálogo na vida de um casal e descreve e elucida para nós todas as transformações no Direito de Família. Porém, ela ressalta que

todo o cuidado é pouco: os avanços não se estabilizam, sofrem constantes e graves ameaças de retrocessos. O Congresso Nacional, em sua maioria, deixa de lado a representação dos interesses sociais, para colocar os interesses político-partidários acima de tudo. (p.121).

Também muito brilhante é o capítulo *As agruras da vida profissional: velha cantilena*, onde ela analisa o cenário ideológico do trabalho das mulheres fora e dentro do domicílio e mostra a faixa e coroa confeccionadas por Hildete Pereira de Melo para a fantasia *rainha do lar* usada por Carmen da Silva na passeata em comemoração ao Dia Internacional da Mulher, em 1983. Envolvida na trama de *vestir terno* para ser o protótipo do trabalho bem feito, Comba lembra as palavras de Carmen:

(...) nunca seremos essa figura sobre-humana de gigantes profissionais, gênios do lar e titãs da cama – além de outros requisitos menores. (p. 127).

Capítulos também memoráveis são os que Comba lembra os debates, as lutas, os encontros sobre a questão do aborto e a morte de Angela Maria Fernandes Diniz, assassinada por Raul Fernandes do Amaral Street, o Doca Street, em 1976. Ao analisar esse caso, Comba reproduz o Manifesto do Grupo Feminista do Rio, de 1980, e transcreve depoimentos do advogado Lins e Silva, que atuou no litígio, e muitos outros documentos. As muitas reuniões e artigos e a inserção deste caso na mídia conduziram, depois de anos, à aprovação da Lei Maria da Penha em 2006.

O livro de Comba, uma construção sobre a construção de Carmen, nos mostra a história dos grupos do feminismo e da vida das feministas, incluindo a própria autora. Assim, Comba é também objeto de estudo dentro do estudo sobre Carmen.

De extrema sensibilidade é a transcrição de um trecho de autoria de Carmen no qual ela diz que escolheu

(...) o feminismo como forma específica de luta porque é o terreno onde piso com mais segurança, maior conhecimento de causa; branca, alfabetizada, originária da burguesia média – no tempo em que isso ainda existia no Brasil –, a opressão sexista é a que mais intensa e diretamente senti na própria carne. Meus calos mais vulneráveis eram os de mulher. (p. 141).

Apresentando uma cronologia da vida de Carmen com base em uma vasta bibliografia, o livro *A arte de ser ousada*, de Comba, é um exemplar da História das Mulheres. Um exemplar da história que não é comumente contada nem analisada. É o livro da história do que não é contado, nem pensado, nem julgado; é a vida. E só poderia ser um livro, como o fora Carmen, de paixão, por ser escrito por Comba, uma participante do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, juíza atuante em várias ações relativas ao reexame da legislação discriminatória contra a mulher. A qualidade do livro decorre também, para a nossa sorte, de ter sido produzido por uma editora feminista, como o é Cilene Vieira. Por essas e outras razões, o livro se torna um exemplo de pesquisa e informações e carinho e emoção e envolvimento no que diz respeito ao assunto Mulher.

Recebido em junho de 2016

Aprovado em junho de 2016